

**JORNAL DOS DOMINGOS,**

DOMINGO 8 DE OUTUBRO DE 1848.

Na lida da humana vida,  
Deve por-se de permeio,  
Pra suavisar o trabalho,  
Adistracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreeve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.<sup>ª</sup>, rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.<sup>ª</sup> rua dos Ourives n.º 21, a 2000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

**AS TRES FLORES**

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSE ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma e  
uma virgem, tem o aroma da candida  
virtude, e recendem a sabiduria moral  
indifinida do seio de Deos, que nos tao  
e dado entender.

Tao pura como os anjos, a virgem  
le a historia da humanidade, e conhece  
a sua relação com o Creador.  
Feliz e ella unicamente a terra.

**QUARTA PARTE.**

TEM O AROMA DA CANDIDA VIRTUDE.

—Não sales, disse Rosinha á Angelica caminhando para o  
Capão do Ipê, o que me disse meu pae, hontem a noite, á  
hora do terço?

—O que foi? perguntou Angelica

—Escuta, são as suas próprias palavras: Os homens, nascendo nas trevas, percorrem a sua idade por entre espinhos e alcañtilados mórros, tropeçando á cada passo nas bordas dos précipícios, atraz sempre de uma luz viva, a—sabiduria—, que cada vez mais se affasta d'elles, e quando julgam tê-la alcançado, ella se esvae, e elles olhando em torno de si só vêem as sombras, a escuridão e a imagem do *nada*. E si algum, contente com a sua ignorancia, deixa-se recostar no seio da virtude, e n'ella adormece, é esse—só esse—o verdadeiro sabio.

—Bem bonitas que são essas palavras! exclamou Angelica.

—Decorei-as como se fossem para nossa lição, disse Rosinha.

—Visto isto, não se deve procurar saber as coisas?

—Pedi explicação á meu pae-sinho disto, e elle me respondeu: Procurai saber sempre, mas preferi as sciencias mo-  
raes, as que nos ensinão a conhecer a Deos, a entrar no conhecimento da nossa natureza, e a praticar-nos com o nosso proximo de maneira que lhe façamos todo o bem que nos for possível, sem todavia nos enfatuarmos com o nosso estado e desprezarmos a felicidade dos outros e mesmo a nossa.

—E ás outras sciencias?

—Deve-se tambem saber, mas em segundo lugar....

Neste instante Bernardo veio interrompê-las, e fagueiro con-  
versar com ellas.

—Dizias... disse elle.

—Eu disse que necessitavamos saber uma coisa antes de entrarmos nas divisões das sciencias naturaes ou physicas

—E qual era?

—As distincões da materia ou os seus diversos estados!

—Sim; é verdade, minha filha; gosto tanto quando te adiantes no que tenho de dizer, que não quero deixar-te perplexa um só instante.

—Então, vai dizer-nos isto? perguntou Angelica

—Sim, minha menina.

—Não tinha ousado perguntar-lhe para não importuná-lo.

—Pois olha, eu gosto muito que me perguntem as coisas que não sabem. Escutem.

—Sou toda ouvidos!

—A materia forma duas grandes divisões de corpos; uma dos que estão sujeitos ás condições da vida e por consequencia são organizados ou organicos; e outra dos que não estão sujeitos á essas condições e que são inorganicos.

—Mas eu que ainda não conheço essas condições como poderei distinguir essas duas divisões? perguntou Angelica.

—Conhecereis attendendo aos caracteres que elles apresentam. Os inorganicos tem forma irregular, variada, e volume indeterminado; não apresentam vestigios de órgãos; e, separando-se em suas mais tenues partes, conservam ellas a sua mesma natureza. Os organicos tem órgãos e aparelhos que funcionam para enterterem e manifestarem a vida; tem uma forma particular e invariavel, assim como um volume determinado; apresentam uma dependencia molecular tal, que separando-se uma do todo perde todas as suas propriedades e torna se distinta do resto. Os inorganicos comprehendem todos os mineraes; e os organicos as plantas e os animaes. Linnéu querendo distinguir estas trez classes de seres, que se chamam—reinos da natureza—disse: os mineraes crescem; os vegetaes crescem e vivem; e os animaes crescem, vivem e sentem.

—Vamos á physica, disse Rosinha; quantos mineraes temos.

—Sem duvida que te parecerá, que são innumeraveis, visto que a terra toda e as atmosferas que nos cercão são formadas de mineraes; mas achas-te enganada. Os mineraes podem subdividir-se em ponderaveis e imponderaveis. Os ponderaveis são todos os corpos, que tendem para o centro da terra, e imponderaveis os que não pesão para ella

—De-me um exemplo de um mineral ponderavel.

—Quando atiras uma pedra ao alto, ella cahé logo que cessa a força com que a fizeste subir.

—E de um mineral imponderavel.

—A luz e o calorico não pesão sobre a terra e são por isso imponderaveis. Os elementos dos corpos ponderaveis são 56, que se dividem em metaes e metaloidos. E os imponderaveis são 5: a luz, o calorico, a electricidade, o magnetismo, e o galvanismo.

—O que são elementos? perguntou Angelica.

—São os corpos que não podem ser decompostos por processo algum da arte do homem.

—Tratemos do estudo da physica.

—Nesta sciencia tratamos da natureza e divisão dos mineraes, das forças que sobre elles obram, e da applicação dessas forças á industria e uzos dos homens.

—A Botanica, meu pac-zinho, hade ser tambem muito interessante.

—Sim, minha filhinha. Esta sciencia divide-se em botanica propriamente dita, botanica physica, e em botanica applicada.

—Qual é a botanica propriamente dita?

—A que trata da maneira de classificar, descrever e nomear os vegetaes.

—E a botanica physica?

—A que trata do conhecimento da organização, da vida e das molestias dos vegetaes. Ella se divide em anatomia vegetal, que trata do conhecimento dos orgãos; em physiologia vegetal, que trata do conhecimento das funções dos orgãos e da vida dos vegetaes; e em pathologia vegetal, que trata das molestias que lhes são communs.

—E a botanica applicada?

—A que nos diz os uzos e as applicações das plantas á nossa industria, economia &c.

—E os vegetaes não se dividem tambem? meu pae-sinho.

—Os botanicos ultimamente tem dividido em trez grandes grupos todas as plantas.

—E quaes são elles?

—Em acotyledoneos, monocotyledoneos, e dicotyledoneos. O primeiro encerra os vegetaes que não tem flores, nem fructos e sementes, como a *barba de páo*, e o cogumelo, que vulgarmente chamão *chapeo de sol* do monturo; o segundo aquelles cujo caule não tem casca distincta do resto do corpo, como o coqueiro, a cana de assucar, a gramma e a taquara; e o terceiro todas as arvores como a laranjeira, a guaiabeira e muitas outras plantas.

—Uma flor? meu pae-sinho; descreva-nos uma flor!

—Uma flor é um orgão, que serve para reproduzir o vegetal, dando origem a fructo e sementes. É sem duvida o mais lindo orgão da planta pelo brilhantismo e côr variada de suas partes. Uma flor contem orgãos sexuaes e orgãos protectores: os orgãos sexuaes são o pistilo, que offerece uma cavidade em seu interior, e os estames filamentos contendo em suas extremidades bolsinhas de pó amarello; e os orgãos protectores são folhas coradas dispostas em duas fileiras, a interna de folhas coradas e brilhantes chamadas petalas e constituindo a corola, e a externa de peças verdes chamadas sepalas e constituindo o calix.

—Bem! muito bem! ja sei a descripção de uma flor!

—E a Zoologia meu pae-sinho; tambem hade ser bonito o seu estudo.

—A Zoologia trata da classificação, da vida e das molestias dos animaes e por isso tem a mesma divisão que a botânica.

—E os animaes como se dividem?

—Em quatro secções:—vertebrados, os que offerecem ossos no interior do corpo, como o cão, o boi, o macaco, a preguiça, o tamanduá, o papagaio, a cobra, o lagarto, todos os peixes, &c.;—molluscos, os que tem o corpo molle e sem ossos no meio do corpo, como o marisco, a ostra, o polvo, &c.;—articulados, os que são formado de peças unidas por articulações, como o carangueijo, a minhoca, a mosca, a aranha, &c.; e—os radiados, os que tem muito pouca organização, e que ainda que cortados em partes não perdem a vida. Existe entre os animaes e as plantas uma classe de seres, que participam das propriedades de ambos, chamados *zoophytos*.

—Que linda lição!

—A manhã continuaremos.

—Hade ser, disse Angelica, um estudo muito divertido o das sciencias naturaes.

—Sim, minha menina; elle é muito divertido e de grande utilidade ao homem. Destes principaes ramos, de que fallamos, partem um grande numero de raminhos que são outras tantas sciencias; que abrangeriam toda a vida de uma geração para o seu completo conhecimento.

—Saberemos quanto podermos, desta parte dos conhecimentos humanos.

—A manhã dir-vos-hei novas coisas.

—Estudaremos, meu pae-sinho!

E elles se foram para casa.

—As occupações destas meninas, disse Bernardo a si mesmo tem o aroma de candida virtude.

(Continuará.)

## AS QUATRO ESTAÇÕES DO DIA,

## POEMA EM QUATRO CANTOS

Por J. F. L.



Deusa brilhante, que atavião, cobrem  
 Grinalda de Jasmins, docel de Rosas,  
 Mãe dos luziros com que d'ouro as véste;  
 Amores de Titão, delicias, mimo,  
 Que aljáfares eternas sobre as flores,  
 Que das puros cristaes ao leve aifeio,  
 Susurro ás vira ões gorgêo as Aves,  
 E o g'ão de existir á Natureza.

BOCAGE TOMO 3.º

## MATINAS

## PRIMEIRO CANTO, OE ESTAÇÃO.

Discipando-se vai a nuvem densa,  
 Que havia escarecido este Horizonte,  
 E vem tenue crepusculo mostrando  
 O cimo dessas altas Serranias,  
 Que formão o prospecto magestoso  
 Destes jucundos sitios! já se avistão  
 Seus elevados picos, suas grimpas.  
 Crepusculo mais forte já vem vindo,  
 E luz ainda fraca, mas formosa,  
 Já se vai expargindo pouco a pouco  
 Pelas longas encostas, e já banha  
 Os montes, as collinas, e os valles.

O' luz, brilhante luz, vem, resplandeece,  
 Brilha, e faz brilliar quanto escondido  
 Tinha o manto da Noite taciturna.

Ah! sim, já se divisão esses grupos  
 De penedos informes, já se goza  
 Da respeitosa vista do ser todo!  
 Oh! que encantador, que lindo quadro!  
 Lá se avista a mais linda das Cascatas!  
 Ah! como se despenhao, como saltão  
 De penhasco em penhasco suas aguas!

Em raios borbulhões, ah! como espumão,  
Esses tenros arbustos vão regando,  
Que vestem de verdura seus declives.

Lá vem a bella Aurora apparecendo,  
De grinaldas de rosas enfeitada!  
Eis a filha do Sol, com toda a gala,  
Surgindo do Titano amante leito!  
Já todo este Horizonte revestido  
Está de rubras côres, e dourado!  
Já nada occulto está: á vista attenta  
Já nada escapar pôde. Ah! que espectáculo  
Tão digno de attenção já se apresenta!  
Que collinas se avistão tão formosas!  
Pela agricula mão já cultivadas!

Lá vê-se o Mandiocaquelle outeiro,  
Em mares ondiantes de verdura;  
Além o Milharak se vê, vistoso,  
De rectas astes, d'espadas curvas,  
Brotando a loura espiga; alli se avista  
Rasteiro Feijoad já bageado  
Em parte, e inda em parte florécido;  
Lá vê se o Cafezal escuro e lindo,  
Em rectas ruas pelo monte abaixo,  
E o Canavial, que occupa o valle,  
Huma verde campina parecendo;  
O Arrozal lá se vê, bella Ceára,  
Naquelle alagadiça e fértil brejo,  
De tão louras espigas abastado.

Lá vê-se a simples Casa deste Sítio:  
Como he bella, vistosa, e pittoresca!  
Que formoso Jardim a frente lheorna!  
Alli nada se ve que luxa ostente,  
Da natureza he toda o seu adorno:  
Oh! que docéis os Jasmineiros formão  
Nos arcos, nos festões, e nas latadas!  
Que ruas, já direitas, e já curvas,  
Das roseiras da Índia, o cercão, feixão!  
Oh! que variedades de cloridos  
As flores apresentam de mistura!  
A rubra roza, o cravo purpurino,  
A angelica, o jasmim do fresco orvalho:  
E crepusculo d'Aurora alli tocados,  
Ah! como exalarão seus gratos cheiros,

O ar embalçando que a circula!  
 Oh! que rico Pomar lhe veste os lados  
 E o fundo, e se alonga em liadas ruas!  
 As verdes e fragrantas Lorangeiras,  
 A celecta, da China, e mais da terra;  
 Ve-se as Tangerineiras encrespadas,  
 Os Limoeiros doces, os azedos,  
 E as baixas Limeiras e Cidreiras;  
 Ve-se os Cambucazeiros alterosos,  
 Vestidos de huma folha luzidia;  
 As copadas Manguêiras corpulentas,  
 Que embellezão a vista, e sombra fresca  
 Espalhão sobre a terra escandecida;  
 As Jaboticabeiras verdes claras;  
 De folhas miudinhas, e tão lindas;  
 Os tórtos esgalhados Cajueiros,  
 Que ainda mesmo assim tem formosura;  
 Ve-se as Gromixameiras verdes negras,  
 Que ao Loreiro Appolineo se assemelhão;  
 Os esguios Jambeiros, que os seus fructos  
 Roubão da bella rosa o doce aroma;  
 Veem-se os Ananazeiros espinhosos  
 Naquelle raso outeiro, e mais abaixo,  
 Pela grotta vizinha as Bananeiras  
 Pendentés com o peso de seus caixos.  
 Lá ve-se em mais distancia, e sem alinhão  
 As lisas Guaiabeiras, e os pequenos  
 Lindos Araçazeiros, e os grandes.  
 A fresca Horta proveitosa e bella  
 Tão bem alli se ve no fresco valle,  
 Que claro e brando arroyo as molles leivas  
 Vagaroso discorre, e vai regando.

Oh! scena de prazer! ditosa scena!  
 He feliz o Mortal que te desfructa,  
 Longe da Côrte infecta, e turbulenta,  
 Da Paz, da doce Paz no doce seio!  
 Que fortuna maior ha sobre a Terra?  
 Quem mais que tu ditoso he neste Mundo?  
 O' tu Homem feliz, neste Edem novo,  
 Ao lado d'uma Esposa virtuosa,  
 Rodiado dos filhos carinhosos,  
 Cultivas, e colhes os seus fructos,  
 Premio do teu trabalho sem fadiga:

Tu ves aqui raiar a bella Aurora  
 Com muito mais prazer, e mais socego,  
 Que o nobre Cortezão no seu Palacio,  
 E soberbo Jardim; aqui mais linda,  
 Mais brilhante ella nasce; ella se ostenta:  
 Sim, aqui com mais graça ella apparece,  
 Rociando do mais fecundo orvalho  
 As flores do Jardim sem apparato,  
 Que gostosas cultivão tuas filhas;  
 Aqui com mais ternura, e harmonia,  
 A chusma de innocentes Passarinhos,  
 Annuncião a sua grata vinda;  
 O terno Sabiá, mais terno canto  
 Desprende da garganta harmoniosa:  
 Elle lá solta a voz juncto ao ribeiro;  
 Que trinados! que sons tão maviosos  
 Resoão, repetindo a triste Ecco  
 Nestes amenos valles, nestes bosques!  
 Lá outro lhe responde alli defronte,  
 Tão dócil no seu canto, ou mais ainda!  
 Oh! que terno e gostoso desafio!  
 Que patheticos sons! que encantamento!  
 Oh! grato! oh! doce encanto! oh! maravilhas  
 Da sempre encantadora Natureza!  
 Vós o recreio sois que mais agrada  
 Ao terno coração, alma sensivel.

Assim vão celebraudo os risos bellos  
 Da Menonica Mãi: ah! e quem sabe  
 Se esta a Ave não he em que mudado  
 Fôra o triste Menon? Ellas seus cantos  
 Parece que saudosas lhe dirigem,  
 E ella, convertido em brando orvalho,  
 O seu saudoso pranto aos fructos manda,  
 Aos fructos que lhe servem de alimento.

Já seus dourados raios penetrando  
 O lindo Alvergue vão, e já desperta  
 Do socegado, do tranquillo somno,  
 Essa feliz familia: ella lá surge  
 Por todos os seus lados; e jucundo  
 Por alli se ve mandando os filhos  
 Aos diversos trabalhos: hum já segue  
 O manso Gado para o pingue pasto,  
 Do seu fiel cãozinho acompanhado;

Ah! como tão alegre vai tangendo  
 O forte machetinho, e vai cantando  
 A vinda da serena Madrugada!  
 Outra para a lavoura conduzindo  
 Vai os trabalhadores: dous mais moços,  
 Seguidos dos seus destros caens da caça,  
 Lá vão caçar Tatus, Pacas, Gottias  
 Para a janta frugal. Eis uma filha  
 Lá junta do curral, com graça e goito,  
 Ordenhando da vacca o claro leite;  
 Eis outra o galinheiro tem aberto,  
 E lá sahindo vem para o terreiro  
 O bando numeroso das diversas  
 E plumosas familias: em que instante  
 O leve e voraz povo, impaciente,  
 Em sofrego tropel, se apinhia em roda  
 Da bella despenseira, que gostosa,  
 Suas contendas vendo, seus costumes,  
 Lhes vai subministrando o grão doirado.  
 Eis se vão espalhando, e dividindo  
 As diversas familias: eis o Gallo  
 A' frente d'uma dellas, Pai, e Amante,  
 Distribuindo affagos sem molleza;  
 Lá com outro combate valoroso,  
 E cheio de prazer canta o triumpho.  
 Eis sanfarrão Perú, inchado todo,  
 A frente da familia sua estendo  
 A rouxa crista, em circulo busando.  
 Lá caminhando vão infiteirados  
 Os alvos, roucos Patos, e os cloridos  
 Grasnadores Marrecos, e os Ganços  
 Lá vão cahir no lago alli vizinho.  
 Ah! que objectos tão lindos, e tão gratos!

He sim, nestes momentos em que Aurora  
 Seu crepusculo espalha sobre a Terra,  
 Que tudo he mais formoso, e mais rizonho:  
 Serranias, Collinas, Montes, Valties,  
 Bosques, Florestas, Prados e Campinas,  
 Cascatas, Fontes, Rios, e Ribeiros,  
 Ayes, e Passarinhos, Gados, tudo  
 Adquire com ella mais belleza,  
 Que sem ella no cháos da Noite escura.  
 Não se vê, não se goza, e se admira.

He feliz o Mortal que vê, que goza  
 Estes formosos Sítios, que contempla  
 Em vida socegada, em liberdade,  
 Estes lindos portentos, estes quadros  
 Da bella da fecunda Natureza,  
 Sem ser contaminado desses vícios  
 Pestíferos, damnosos, que nas Cortes  
 Do infeliz Mortal se assenhoreão,  
 Que o tornão fronxo, e tibio, e preguiçoso,  
 É indigno de ser Homem, não servindo  
 Mais que as suas paixões, e aos seus caprichos.

O' tu brilhante Aurora, precursora  
 Do aurifulgente Phebo, tu que observas  
 Primeiro que teu Pai do Mundo as Scenas;  
 Que vês o Lavrador laborioso,  
 Que apenas o despertas, vai alegre  
 Iluns terrenos plantar, e limpar outros;  
 Que vês o Pastorzinho hir conduzindo  
 Contento para o pasto o seu rebanho;  
 Que vês o Pescador, e o Barqueiro  
 Cantando desprender da praia os barcos;  
 Q' o Trabalhador vês, que vês o Artista  
 Promptos te obedecerem sem molleza;  
 Ves tão bem (que contraste) em largo somno  
 Os fronxos Cortezãos nas fofas camas,  
 Cansados das intrigas, dos cortejos,  
 Dos jógos, e espectáculos nocturnos,  
 Dispertando já quando o Sol formoso  
 Quasi em meia carreira resplandescce.  
 Ah! vem risonha Aurora, continúa  
 De dia em dia a ornar estas Paizagens;  
 E deixa que não gozem muito embora,  
 Esses Homens, em vil ociosidade,  
 Da tua apparição, e destes quadros  
 Assaz ercantadores, e risonhos:  
 Sim, vem de dia em dia, continúa  
 A dar destes prazeres innocentes,  
 Ao Homem virtuoso, ao feliz Homem,  
 Que da vida Campestre tendo o amão,  
 Seus terrenos cultiva, e a Virtude.

FIM DO PRIMEIRO CANTO OU ESTAÇÃO.

## SEM TI, E' TUDO TRISTEZA.

Que importa de madrugada  
Se sorria a natureza?  
Para mim não tem encantos,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Vejo o cravo, o lírio, a rosa,  
D'acucena a singelosa,  
Mas não sei porque motivo  
Sem ti, é tudo tristesa.

O' tu, parte da minh'alma,  
Typo de graça e belleza  
Longe de ti, eu desinho,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Em procura de alegria  
Eu percorro a redondesa,  
Como a percorro sem ti,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Vejo o sol, sei que elle é bello  
Em sua immensa grandesa,  
Sem ti, perde os seus encantos,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Procurando consolar-me  
Penso assás com maduresa,  
Caio em horrenda apathia,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Dos laços de um terno amor  
Sou a mais humilde presa;  
Eu vivo só para ti,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Um peito mais bem formado  
Não ha nesta redondesa,  
Só comtigo sou feliz,  
Sem ti é tudo tristesa.

Diga o mundo, muito embora,  
Ter minh'alma orgulho asp'resa  
Eu insisto em confessar  
Sem ti, é tudo tristesa.

Tem teu peito tal modestia,  
Tem tanta delicadesa,  
Que eu por ti morro de amores,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Não invejo n'este mundo,  
Como o avarento, a riquosa;  
Em ti se encerra meu edem  
Sem ti, é tudo tristesa.

Adorar um'alma fida  
Eis do mundo a realesa,  
Se tu pagas meu amor,  
Sem ti, é tudo tristesa.

Captivar meu coração  
Soubeste om emór prestesa,  
E tal imperio tens que  
Sem ti, é tudo tristesa.

Despresar teu nobre peito  
Fôra perjurio, cruesa,  
Meus votos não quebrarei:  
Sem ti, é tudo tristesa.

B. J. B.

## HEROISMO DAS MULHERES

Não é só a antiguidade, que nos apresenta exemplos do heroismo no amavel sexo, fragil e proprio á brandura e á todas as affecções agradaveis; tambem a idade presente nos dá de uma força incomprehensivel, de um balbantismo seductôr, de uma moralidade espantosa.

Antes de entrarmos em nossa narração passemos a esponja do desprezo e do esquecimento sobre a noção do opprobrio, com que manchou a humanidade esse falso intitulado heroismo das francezas na revolução de Junho do corrente anno; prova de mais para a nossa asserção:— A França é um dos paizes mais illustrados, mais muito menos civilisado do que a Allemanha. A civilisação depende da propagação da moral; e a illustração do desenvolvimento do entendimento.

Corria o anno de 1856, tenebroso e cheio de successos espantosos e grandiosos para a pequena cidade de Porto Alegre; o seu inverno era sem duvida o mais frio que se tem ali sentido, e o seu ceo o mais carregado de todos. Na noite de 14 para 15 de Junho, d'este anno os amigos do integridade do imperio e do Throno de S. M. o imperadôr D. Pedro 2.º, tinham levantado sobre os seus muros, o pavilhão auri-verde, e proclamado o governo central, residente no Rio de Janeiro, como o unico, que regeria os seus destinos. Dos indigitados republicanos, mas que ainda se não haviam declarado como taes, foram presos para cima de trescentos e guardados nas prisões do Quartel do 8.º batalhão.

E' aqui que se passa o facto que ora vos vou contar. Sitiados os imperiaes, vulgarmente chamados *legalistas*, pelas tropas dos faciosos republicanos, sabiam algumas vezes, e verificavam, o que em estratègia se chamam *sortidas militares*. Em uma d'estas, á descoberto, sobre os pontos da *Vargem* os republicanos os esperaram e os bateram, matando-lhes alguns domos, e ao mesmo tempo tendo de perda um dos seus bravos coroneis, o Amaral, que dias depois morreu na povoação de Belém, junto a casa da viuva Vasconcellos Cirne, cujo marido perecera ás mãos dos primeiros revoltosos do Rio Pardo. A sorte desastrosa dos que fizeram a sortida excitou o odio dos sitiados, os quaes pretenderam vingar-se nos prezos que estavam em seu poder.

O alferes Chagas, que era furriel do 8.º batalhão antes do dia 15 de Junho, desvairado começou a incitar es soldados da sua companhia e parte da Guarnição, que se com-

punha de cidadãos de todas as classes, a tomar em vingança; e, apesar das ordens positivas do General Menna Barreto, entrou no quartel, tirou d'elle um facioso por nome Silvano, e o espaderou mesmo envolvido no estandarte imperial. O caracter das circumstancias, a ferocidade dos soldados, a disposição de alguns officiaes, tudo em fim parecia conduzir a sorte dos infelizes presos a um fim horrivel.

Nestas circumstancias um jovem militar se apresenta para render a sentinella, que guardava um dos calabouços inferiores, que dava para o corredôr da entrada do quartel. A sentinella foi rendida sem difficuldade e sem importar-se que a sua hora ainda não terminara, cedendo á nova as ordens que tinha recebido e duas grandes chaves. Estas chaves uma era da porta do calabouço e a outra do da parte interior que communicava com aquelle — estavam em poder da sentinella pela perturbação e desordem com que se fazia o serviço em tal crise.

A nova sentinella — o jovem militar — era uma linda moça de dezoito annos, cujo noivo se achava preso e em perigo de morte. Ella não tinha exitado um momento em expôr-se para salvá-lo; e tomara este expediente que acabamos de ouvir como talvez o unico de que se lembrara em tão apertadas circumstancias.

Bem succedida, no começo de sua empreza, ella continuou sem desanimar. Apenas viu retirar-se o soldado que ella rendera, chamou do interior da prisão o seu noivo, abriu-lh'a e fel-o sahir, aconselhando-lhe que se retirasse ligeiramente a favôr da confusão que reinava em toda a população da cidade e mais ainda no quartel. Estaria tudo terminado: o seu amante salvo, e ella pouco depois voltando para o lado de seu amante gozaria a satisfação do seu triumpho e do seu amor.

O negocio não se passou porem d'esta forma. Estava reservada á nossa heroína maior somma de perigo para alcançar a grandeza do seu sacrificio.

O imprudente noivo exita sahir sem que ella o acompanhe; ella luta por convence-lo e expõe-lhe os perigos que os ameaçam; mas em vão, porque elle resiste, e o tempo que nisto se gasta dá lugar á novos incidentes.

O soldado voltando ao corpo da guarda é visto pelo seu sargento, que o repêche e leva-o de novo ao seu lugar. Ao chegar o sargento e o soldado testemunham a verdade do facto, gritao ás armas, acodem soldados de todas as partes do quartel, e ambos — noiva e noivo — são presos e levados ao marechal commandante da guarnição.

A narração de toda a aventura foi feita fielmente pela moça ao marechal. Ambos os prisioneiros foram remetidos á prisão separadas depois que tinha serenado toda a fúria, e a sorte dos presos estava assegurada por providencias energicas. A heroína partilhou, u. esmo depois de livre, os encomodos do seu noivo ate que o estado das coizas, se mudou, e elle pôde voltar tambem livre á casa de seu pae.

Uma manhã formosa do mez de dezembro do anno de 1842, viu irem ao templo da Freguezia de Vianão, a nossa heroína e o seu noivo á receberem a benção nupcial que os devia para sempre unir.

### A FLOR DA LARANJEIRA.

Fragantissima flor!

Alva roupa tu formas para a laranjeira formosa, para a linda arvore bem fadada debaixo do ceo dos tropicos, que parece nasceu privativamente para embalsamal-o com a sua inimitavel fragancia.

Uma corôa representas sobre os verdes e espalhados galhos da rainha dos pomares, da tua mãe-sinha carinhosa.

D'entre todas as plantas dycotyledoneas, é a tua mãe a mais util ao homem. A sua sombra é fresca e aromatica, as suas folhas são medicamentosas e hygienicas, e o seu fructo acido-doce, agradável e nutritivo.

Fragantissima flor! colhi-te e tu me seguiste!

Abriu-se o teu ovario e as tuas carpelas se manifestaram e os teus ovulos: eram os rudimentos de um hesperidio com os seus ceptos e seus pêlos carnosos e com as suas sementes.

E os estib-tes unidos formavam um só corpo sustentando um estigma glanduloso.

Em derredor deste orgão da flor, tu mostravas um verticilio de estames com as suas antheras de polen amarelado.

E externamente o periantho era candido e lindo. A corola tinha cinco petalas; e o mesmo numero de sepalas formavam o teu calice.

E os estames e a tua corola cahiram! O teu ovario estava sobre um disco redondinho e verde-amarellado.

Fragantissima flor!

Mais de vinte vezes fui, debaixo da sombra de tua mãe, vê-te, inspirar teu aroma e brincar - contigo.

E quando assim te via estava eu descuidoso, mas achava-me n'este mundo so-zinho e isolado.

Um dia recostei-me ao tronco de tua mãe e chorei por que me tinhas lembrado uma ideia, uma ideia que no entanto era agradável e fagueira como um signal do inferno.

Flor mysteriosa, tu emblemas o—casamento.—

E's a imagem virginal de uma noiva pura e esperançosa.

Flor da noiva—da mais doce esperança da felicidade do homem sensível e virtuoso, foste tu—só tu—que me fizeste chorar por uma espoza—que me disseste que o homem não podia existir no mundo sem o amor!

Depois alevantei-me, enchiuguei as lagrimas dos olhos, olhei para o ceo, e olhei para a terra e procurei ali. . . . e achei uma—mulher.—

Uma noiva que me sorri os sorrisos de Deos, me estendeu a mão de virgem e disse-me que o seu coração batia harmonicamente com o meu—que a sua alma era toda a minha—que a sua vida se illuminava com os raios da minha intelligencia, e—que o ceo nos creara iguaes—para viver iguaes.

Flor fragantissima, tu és a imagem da minha noiva; tu te identificaste com ella e a amas como eu a amo.

As minhas primeiras lagrimas foram para ti; mas as de hoje, os meus suspiros, e a minha vida são d'ella—só d'ella—

Flor da laranjeira, eu te amo, porque és a imagem da minha noiva.

### CHARADA.

Sobrenome em mim verás,  
Sobrenome muito uzado—1  
Ou na torrida ou na fria—2  
Quem não tem do desgraçado?—1

Todo o fructo já maduro  
Deve ser assim chamado.

Explicação das Charadas do n.º 8—1. Cecilia—2. Saudade—3. Albornoz—4. Palito.

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE M. J. GARDOZO & C.

Rua do Ouvidor n.º 91

Eram, Bernardo, Rosinha, os escravos e seus agregados que contentes seguiam um carro que hia buscar mandi-óca de uma roça perto do *Capão do Ipê*. E elles hiam para arrancal-a.

Logo que os dous amigos se-avistaram, caminharam um para o outro. Thimoteo porem ia constrangido e quasi arrastado por sua filha: é que a miseria o envergonhava, e o fazia temêr a repulsa d'aquelles que estavam favorecidos pela fortuna.

—Meu amigo, disse Bernardo reparando no acanhamento d'elle; estás mal comigo sem duvida. Que vos fiz eu?

Thimoteo abaixou a cabeça e não respondeu.

—Tendes motivo de afflicção? honrado homem.

—Uma grande desgraça!

—E qual?

—Meus campos se inundaram, e todas as minhas plantações foram arrazadas pelas aguas do *rio dos Sinos*. Minha mulher se acha constipada pelos trabalhos que empregou em arrebatár á corrente os misteres de nossa casa. . . .

Angelica chorava. Rosinha e Bernardo a acompanhavam.

—E eu venho buscar minha filha! Irei á cidade procurar trabalho, e ao menos lá não morreremos de fome.

—Morrer de fome! bradaram todos ao mesmo tempo.

—O nosso campo dá lindas mandió-cas!

—Cria o gado sem cultivo!

—O feijão, a lentilha e a batata dão-se aqui tambem!

A laranja, a lima, a banana, e o pccêgo lá estão na coxilha defronte da nossa casa!

—O riacho do *Capão das Pombas*, tem bôas traliras e jundihas!

Estas exclamações foram feitas quasi ao mesmo tempo pela gente de Bernardo.

—Tendes razão, disse este; ninguem aqui pode morrer de fome. Deos é tão bom!—Rosinha, continuou elle, esta menina e seu pae, serão de hoje em diante teus protegidos. O que lhes darás?

—Tudo quanto temos se-repartirá por elles.

—Bem!—Ouvistes, meu amigo Thimoteo? Sereis feliz com vossa familia junto á nós?

Thimoteo não respondeu; mas ajoellou-se e com sua filha pôz-se á orar fervorosamente.

Bernardo deixou-os com Rosinha e continuou a caminhar para o trabalho com os seus escravos e famulos.

—Meu pae, disse Angelica, o homem de uma illustração verdadeira, isto é, que possui os conhecimentos moraes é sempre o mais feliz, o mais honrado e o mais piedoso.

—Deos o abençõe!

—Elle é abençoadado, meu pae, e bem digno de ser imitado. Em vez de queixar-vos vamente devieis ter-vos resignado em vossa desgraça. O pae commum dos homens vela sobre nós! Foi elle quem vos deu esse pequeno revez que vos trouxe para junto do homem virtuoso que nos abriga e nos hade tornar tambem virtuosos.

—Sim, minha filha, eu rendo mil graças a Deus. Aprenderei como elle a ser justo e de hoje avante nada temerei nem olharei como desgraça.

—Em toda a idade pode o homem marchar para a sabiduria, para o seio de Deus.

—Acredito de veras. Trez minutos foram bastantes para me tornarem outro. Eu quero apprender. . .

—Ouvireis hoje a nossa lição? perguntou Rosinha.

—Elle não a ouvirá, disse Angelica, ha de sentil-a na alma. A melhor lição que poderiamos receber foi a que nos deu vosso pae. De pobres como eramos tornou-nos alegres e felizes.

—Si o homem desvairado e perdido tivesse sempre destas lições! O bemfeitor, fonge de blasonar de seus beneficios, vai entregar-se ao trabalho cheio de satisfação domestica.

—E' verdade, meu pae, deixou-nos para nos não ouvir os agradecimentos; contenta-se com a certesa de ter obrado bem. Esta virtude é pura, e recende a sabiduria moral, indifinida pela mente do homem.

(Continuará.)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO DIA,  
**POEMA EM QUATRO CANTOS**

Por J. F. L.

Oh tu, Nume do Pindo! oh tu que outrora  
 Guiaste a idade de ouro entre os pastores,  
 Le do alto agora da elevada esfera,  
 Onde reges o carro adamantino,  
 Na mente hum raio vivo me dardeja.

Georgicas Portuguezas, Canto 5.<sup>o</sup>  
 Por MOZINHO DE ALBUQUERQUE.

MEIO DIA,

SEGUNDO CANTO, OU ESTAÇÃO.

Já Phebo no seu carro aurifulgente,  
 Tirados pelos fervidos Ethontes,  
 Tem chegado ao zenith abraçado  
 Meio giro diurno aqui fazendo:  
 D'alli, este Emispherio, o novo Mundo  
 Illumina, e fecunda: d'alli vendo  
 Ao mesmo tempo está a euregelada  
 E vasta Groelandia, a nova Iork,  
 O extenso Canadá, a Luiziana,  
 O Mexico, a Columbia, e as Antilhas,  
 O rico Potozi, Tucuman, Chilli,  
 O frio Cabo d'Horne, a Patagonia,  
 O fertil Paraguay, e o Brasil fertil.  
 Seus raios, conduzindo ardentes chammas,  
 O ar tremulo inflama, e incendêa.  
 Já tudo o seu calor aquesce, abraça:  
 Nas mätas já se vão os Passarinhos  
 Abrigando da calma, e já não cantão,  
 As azas e os biquinhos tendo abertos,  
 Do calor abrasados, e nas frescas  
 E crystalinas aguas dos ribeiros,  
 De quando em quando molhão suas pennas,  
 Assim refrigerando a ardente calma.

Nesta estação, do Dia a mais brilhante,  
E a mais magestosa, tudo existe  
N'um calmoso silencio, e só se ouve  
Da asperrima Cigarra impertinente  
Por toda a parte o canto desabrido.  
O vagaroso Gado, e as Ovelhinhas  
Buscando vão com passo mais ligeiro  
Da calma abrigo á sombra do arvoredo  
Disperso pelo pasto. A' sombra fresca  
Da frondosa Mangueira já descança,  
E a calma refrigora, alli gozando  
Da branda viração, que fresca corre,  
O Pastor reclinado sobre a relva,  
Meio corpo encostado no seu tronco;  
Alli já tendo hum pouco descansado,  
Da fadiga da guarda do seu gado,  
O felpudo surrão abrindo tira  
A comida frugal, e sobre a verde  
E mimosa toalha da campina,  
Sem fausto a depozita, e vai gostoso  
A fome saciando e repartindo  
C'o seu fiel rafeiro, que alli junto  
Tão bem deitado está, e descansando  
Da vigilante guarda do rebanho.  
O Lavrador já deixa o seu trabalho,  
E de suor coberto, apressurado  
Caminha, e vai seguindo a negra turma  
De seus trabalhadores, e vão todos  
Buscando abrigo á calma, e dar descanso  
E alimento ao fatigado corpo:  
Elle já se avizinha ao seu alvergue,  
A' porta os tenros filhos já o esperão;  
Já chega: eis o abração carinhosos,  
E o vão reconduzindo para dentro,  
Apresental-o á Mai, que cuidadosa  
Prompta a janta já tem para o Consorte;  
Alli vai descansar antes um pouco  
Do pesado trabalho em que estivera,  
Desde que a bella Aurora o despertára,  
E hum pouco entreter-se c'os filhinhos,  
Que entorno cubicosos lhe perguntão,  
Quasi a hum mesmo tempo, o que lhes trouxe.

O Mortal venturoso, a quem por sorte  
 Ardua tarefa coube agricultora,  
 Tua vida parece assaz pesada,  
 Laboriosa, e pouco prazenteira;  
 O frouxo Cidadão a não inveja:  
 E tu vives feliz, vives contente  
 O dia e ainda a noite trabalhando.  
 Sim, tu és mais feliz, e mais ditoso,  
 A pezar dos trabalhos que te cercão,  
 Sentado à párea meza, rodeado  
 Dos ternos charos filhos, e da Esposa,  
 Em plácido socego, em harmonia,  
 A fome com vontade saciando,  
 Sem tédio nem fastio, em pouco tempo,  
 Nas simples comidas que te off'recem  
 A tua verde horta, o teu terreiro;  
 És sim, és mais feliz e venturoso  
 Do que esses, que no fausto das Cidades,  
 Em ricas, lautas mezas assentados,  
 A metade do dia consumindo  
 Com ceremonias mil, com ethikêtas,  
 Debicão com fastio esses manjares  
 Exquisitos, e assaz despendiosos,  
 Com symmetria, e profusão dispostos  
 Em custosa e dourada porcelana;  
 Bebendo em lindos côpos lapidados  
 Do mais fino crystal, os caros vinhos  
 De Florença, de Chipre, e de Falerno,  
 Que estragão a saude, e a vida encurtão.

Ah! que extrema differença se observa  
 Entre a meza campestre e a cidadôal  
 Alli vê-se a brandara, a singelleza,  
 E a doce liberdade estar-entorno  
 Da familia rural; aqui dureza,  
 Refolho, e cerimonia só se ostenta;  
 Alli, quando ella finda só se trata,  
 Depois de descansar alguns momentos,  
 De tornar ao trabalho; aqui molleza  
 Dirigi a larga sésta a te sol posto.

O Homem venturoso, ó feliz Homem!  
 Tu, que longe da Côrte, em sitio ameno,  
 Tranquillo, e socegado vás vivendo  
 De cultivar as terras que possues;

Que vês nella nascer as verdes plantas,  
 Crescerem, florescerem, e brotarem  
 Os diversos legumes saborosos,  
 As diferentes hérvas salutareas,  
 Os macios Carás, os Mangaritos,  
 Os Aipins, as Batatas, as Abobras;  
 Que vês no teu Pomar se sazonarem  
 As Laranjas celectas, as da China,  
 O cheiroso Ananaz, e as Bananas;  
 Que vês as numerosas e diversas  
 Ninhadas dos robustos pintainhos,  
 Que se vão emplumando, e vão crescendo,  
 E produzem depois os alvos óvos  
 No tosco galinheiro em abundancia;  
 Sim, isto que promoves, e promove  
 Tua grata familia, vês gostoso  
 Tua meza adornar sem apparatus,  
 Em simplicies manjares preparados,  
 Servindo-te ao jantar, e a sobrezeza.  
 Ah! quanto mais sabor, e appetite  
 Te hao de promover estas comidas  
 Simplicies, saborosas, e saudaveis,  
 Por este grato meio assim havidas,  
 No seio da feliz tranquillidade,  
 E gostosa harmonia que circundão  
 Teu pascifico Alvergue! e quando findas  
 A janta, satisfeito, e assás contente,  
 Erguendo as gratas mãos ao Céo piedoso,  
 Ao Céo que as Estações te appropicia,  
 Fecundando os teus campos apraziveis,  
 Com piedoso fervor louvas, bendizes  
 O Grande, o Sabio Author da Natureza  
 Pela paz de que gozas nestes sitios,  
 Pelos bens que te faz todos os dias.

FIM DO SEGUNDO CANTO, OU ESTAÇÃO.

## CARTA

A D. MARUCAS DA RESTINGA.

Minha estimavel senhora,  
Digna de minha attenção,  
De-me noticias de si  
Que muito gratas me são.

Ea não sei porque motivo  
De mim se tem esquecido;  
Nunca pensei que a senhora  
Tinha peito empedernido.

Não se lembra que me disse  
Comigo sympathisára?  
Hoje, de mim, não faz caso.  
Oh! meu Deus, quem tal pensára.

Ou terá Dona Marucas  
Um desses maus corações  
Que amidades velhas trocáo  
Por modernas impressões?

Eu supponho não ter dado  
A menor occasião  
Para perder o cantinho  
Que tinha em seu coração.

E no entanto que a Senhora  
Da Grinalda se olvidou  
E de seu jardim, se quer,  
Uma saudade mandou.

Anciosa por saber  
Novas da sua pessoa;  
Como por lá se tem dado,  
Se acaso ja se acha boa.

Por isso pego na penna  
Para lembrada fazer-me,  
Esperando que a senhora  
Se dignará responder-me.

A senhora por morar  
 Fôra da corte, perdeu  
 De ver no largo—Rocio  
 O fogo monstro que ardeu!

Tanto n'elle se fallou,  
 E tanto se transferiu,  
 Que o povo, á noite, contente  
 Para esse largo affluu.

Da noite, o astro fulgente,  
 Tinha encantos, graças mil,  
 E formava um quadeo lindo,  
 Essa lua do Brasil!

Porem, o fogo estupendo  
 Com quasi todos mangou;  
 Por que um lençol de fumaça  
 Somente nos offertou.

A lua por muito clara  
 Dizem que ao fogo fez mal;  
 Ao astro, cede os fulgores  
 A luz artificial.

Porem como no theatro  
 Para a Silphedes brilhar  
 Costumão por uma manga  
 De sedê, o lustre, a tapar

Tambem embaçar podião,  
 ( Oh que lembrança excellente! )  
 Com lençol de canhamão  
 O brilho do astro luzente.

Minha amiga, em seu retiro  
 Ja perdeu esta função;  
 Foge da Corte, de nós,  
 Creio que ama a solidão.

No entanto a corte é Rainha  
 Destas festas e folias,  
 Que alegrão os corações,  
 Espantão melancolias.

D. Marucas, espero  
 Que uma resposta me dê,  
 A mais humilde creada  
 Das servas de Vm.

*Grinalda.*

## O AMOR MATERNO.

Heureux l'homme à qui Dieu donne une sainte mère!

(L'Amartine, Septième Harm.)

Felicitando um sabio varão a certa mãe de familias pela educação que dera a seus filhos, que ainda em tenros annos, trilhavam a vereda da virtude, e eram os ornamentos da Igreja, perguntou-lhe que methodo particular seguira na sua instrução religiosa: ao que a senhora respondeu-lhe: Já mais amamentei meus filhos sem que pedisse a Deus que me concedesse a graça de fazer d'elles herdeiros do ceo; vestindo-os de manhã eu supplicava a meu Pae celeste que os revestisse um dia com o manto da justiça de Christo; preparando-lhes a frugal refeição rogava a Deus que concedesse a suas almas o pão do ceo; e quando os conduzia á casa do Senhor, implorava-lhe que os sanctificasse, para se tornarem os templos do Espirito Sancto; quando de mim se ausentavam para irem a escola, acompanhava-os com a vista pedindo a Deus que protegesse a sua innocencia; e quando, finalmente a noite trazia o repouso derigia eu em silencio preces ao seu creador para que os abençoasse.

Por aqui vemos que influencia podem ter as orações silenciosas d'uma mãe verdadeiramente christã. Começam seus piedosos cuidados desd'a hora do nascimento de seus filhos, e não cessa um só momento de chamar sobre elles as benções do Altissimo. Conhecera essa mãe, que de Deus recebera seus filhos, e que era responsavel para com elle pela maneira porque os educasse. Sabia que seriam inuteis os seus esforços se o Eterno por sua infinita misericordia não lhe entregasse o soccorro de seu Espirito para sanctificar e salvar suas almas, e tinha constantemente os olhos fitos n'Aquelle, que está sempre perto dos que o invocam, e attento ás suas vozes.

Sentimentos existem no coração d'uma mãe, que ella só pôde experimentar: todos os outros laços são fracos em comparação do que a liga a seus filhos. O que ha de mais profundamente gravado em nossos corações do que a lembrança d'uma mãe? E Porque?—Porque se occupa com seus filhos sem s'importar consigo—Dos olhos d'un filho borbulha involuntario pranto quando se lembra de sua mãe, porque para elle a vida d'esta é toda de sacrificio. Conhece uma mãe outro interesse, outros prazeres que não sejam os do seu filho? Quê lh'importam os gozos da vida, e a propria vida quando se tracta de tudo sacrificar a seu filho?—A saúde, a doença, a tribulação, a alegria tudo lhe é indifferente quando a seu respeito está inquieta. Debalde procurareis na terra generosidade, e sacrificio de si mesmo iguaes aos d'uma mãe!...

Quando o espirito começa a desenvolver-se, e que os objectos que cercam a infancia attrahem sua attenção, a mãe, que dirige as primeiras impressões, que recebe o menino pôde exercer grande influencia sobre toda a sua vida. Possui então um poder de que mais tarde é privada: é ella quem responde ás primeiras perguntas do seu filho. Quando admirando as estrellas de que o ceo está marchetado lhe pergunta: a quem fez tão brilhantes coisas? é um dever da mãe extremosa fallar-lhe d'esse Creador, tão grande e tão bom, que nos ceos habita, e que nos dá todos os bens de que gosamos. A medida que se for desenvolvendo o espirito, fallará a mãe a seu filho, a quem achará sempre attento, d'esse Jesus, que nasceu em uma mangedoura, e morreu na cruz; e quando dispazer o seu travessero para o repouso nocturno, e vir as suas palpebras pesadas pelo somno, será para ella agradável privilegio faz-lo profirir — *e Padre Nosso*—e ensinal-o a amar esse Pai, cujo nome tão cedo pronuncia.

S'escaparam tão favoraveis occasiões, se os dias da infancia s'ausentarem, e o espirito só de loucuras e erros for nutrido, essa creatura tão preciosa, por isso que tem uma alma immortal, crescerá na ignorancia de Deus, e do caminho, que conduz a vida eterna.

Dir-me-heis oh mães de familias, que não tendes capacidade para instruides o vosso filho? Mas quando reclinado ao vosso collo vos **pode** que lhe conteis uma historia sabeis lhe fallar d'algum rei fabuloso, em lugar d'occupar a sua attenção com a historia do bom rei Salomão, que preferiu a sabedoria a todos.

os bens terrestres! São vossas palavras recebidas com confiança: *minha mãe o disse*, é um argumento sufficiente para convencer ao menino das mais importantes verdades.

Esse menino, que ora brinca a vosso lado anunciará talvez algum dia, á endurecido peccador, o Jesus, do ceo baixando, para dar vida ao mundo. Quem dá a Thimotheo, esse digno obreiro do senhor, as primeiras lições de piedade? Quem conduziu a Samuel, depois propheta e juiz d'Israel, á casa do Senhor? quem o consagrara, ainda nas faixas infantis, ao serviço de Deus?—Uma mãe piedosa.

E se não germinar a semente lançada na infancia, se não produzir fructos sob as vistas maternas deverem os concluir, que estão perdidas?—Certamente que não: e para provar o que dizemos sirva este exemplo:

Encontrando um ministro do Evangelho a certo marinheiro na rua travou com elle conversação, e exhortou-o a não desprezar os interesses eternos da sua alma. Debulhando-se em lagrimas exclamou o marinheiro:—Basta! não me falleis mais, era exactamente o que me dizia minha mãe.—

—Seguira-o em suas longas navegações o conselho materno, e ainda conservavam poder em seu coração as palavras d'aquelle, que por elle orára.

Não é somente para esta curta vida que deveis preparar vossos filhos; pois que o circulo, que vos cerca é composto de seres immortaes. Quando para elles se finalizar o mundo, em que habitam, e as honras, e os prazeres forem olvidados; então, somente então, começarão o viver aquelles, a quem tiverdes dado a existencia. Formam-se agora suas almas para a eternidade, e deveis ajudal-os nesta empreza. Não pensois que nenhuma das vossas acções é indifferente para com vossos filhos; é tão grande a ascendencia, que sobre elles exercéis que será sentida até quando tiverdes desaparecido da face da terra, e descansardes das vossas fadigas sob á lousa do sepulchro. Podereis acaso esforçar-vos para que vossos filhos gozem dos bens passageiros d'este mundo, e não dirigi os seus espiritos para Deus, que vive, e reina eternamente? Conhecer o caminho do throno da Graça, e não supplicar Aquelle, que tomou os meninos em seus braços, e abençoou os, para que chame, tambem a si vossos filhos, e os prepare para o seu reino?

Se tiveramos a ventura de ser nossa voz ouvida por todos as mães de famílias! lhe pediríamos que se não descurassem do bem espiritual de seus filhos. Pois que lhe diríamos nós, sentiríeis a mais viva angustia se não tivésseis meios de satisfazer ás necessidades corporaes de vossos filhos, e não experimentais nenhuma inquietação vendo-os expostos á miséria eterna pela vossa negligencia em annunciar-lhes a boa nova da salvação, pela morte de Christo! Oh! se amais a Deus seja objecto de todos os vossos desejos e esforços o ver vossos filhos servil-o, e gozar do seu favor. **Approximai-vos do throno da Graça** para implorar a benção divina sobre as vossas instrucções, que se tornarão d' esta arte efficazes para a salvação dos vossos filhos, e se vos devem preceder no tumulto será vossa dôr mitigada pela lembrança de que estão elles junto de Christo, seu, e vosso Salvador.

*J. C. Fernandes Pinheiro Junior.*

## O BUTIAZEIRO.

Linda fronde se-alevanta no meio da campina.

Ella é corôada de um auri-verde feixe de folhas longas e pennadas, que se debrução para enfeitá-la com sorrisos languidos.

Suas companheiras a festejam de longe, acenando-lhe com os leques preguiçosos.

E' ella tambem acena para as outras, porque sem ellas não poderia existir.

Assim me acenou, um dia, a minha noiva com o seu leque pequenino de madre-perola bordado e dourado, indo ao passeio, depois que me deu a flor da laraageira para eu guardá-la em signal de noivado.

Linda fronde que te alevantas no meio da campina, tu tens a magestade e a altiveza da minha noiva.

Linda fronde, tu és o butiazeiro, tu és quem dás o butiá, aquella drupa-sinha carnosa tão amarella e tão cheirosa como não há outra na campina.

Tu és, linda palmeira, meu butiazeiro formoso, uma planta unisexual; não vives sem a tua companheira, como eu não vivo e nem viverei sem a minha noiva.

As tuas flores em cacho cobertas por uma spatia fibrosa, dizem ao viandante que junto a ti passa, a maneira por que a modesta formosura da minha noiva se occulta aos olhos indiscretos dos jövens estouvados.

Tão tenras as tuas flores se escondem no seio da sua protectora, como o filhinho, o infante, no seio carinhoso de sua mãe.

E depois, quando apparecem, as seis divisões dos seus perianthos simples querem dizer-nos que alli ha corola, como o menino acariciando engana a mãe-sinha no furtar de um beijo.

Eu vi-te, altivo butiazeiro, em uma matina de septembro, abrindo as tuas flores; quiz apanhar-t'-as, mas não pude porque eras alto e eu era ainda pequenino. O que fiz? Sahi de aq pé, de tua fronde, caminhei resignado, e disse:

• Meu butiazeiro, eu te quero bem; vive ali na campina ate que eu cresça e possa subir pelo teu stipe, e colher as tuas flores.

Passaram-se muitos annos; e eu era mais alto que minha mãe. Eu sabia disto—minha mãe sorindo-se m'ò dizia todos os dias.

Fui visitar o meu butiazeiro quando eu assim era—achei-o então sem flores—ellas estavam cahidas—e haviam em seu lugar drupa-sinhas amarellas e cheirosas;—colhi-as, e depozitei-as junto á flor da lorangeira da minha noiva—e chorando fui ter com ella.

• Si eu te não visse por algum tempo, perguntêi eu á minha noiva, o teu amôr havia de murchar e morrer como murcharam e morreram as flores do meu butiazeiro?

• Não, me respondeu ella; assim como as flores do teu butiazeiro se renovam todos os annos, assim o meu amôr se-renova em cada dia! E as flores, essas mesmas que murcharam, não te derão fructos?

• Sim, tornei eu.

E pensei no que continham os fructos, as minhas drupa-sinhas. Embryões n'elles estavam, e diziam me que produzirão novos butiazeiros, tão formosos como seu pae.

Oh! o meu amor, que é uma flor, hade produzir um fructo—o meu hymenco—e ali nascer um embryão renovador, perenne, constante—a minha felicidade e a da minha noiva—

Linda fronde que te alevantas no meio da campina.

Floresce, que eu floresço porque amo.

Fruíffica—ensina-me o caminho da felicidade.

Vegeto no meio da natureza como eu vivo no seio da  
minha seiva.

E vivamos a par um do outro, como dois companheiros.  
Da-me a tua sombra e eu te darei o meu canto que hade  
embalar as tuas folhas.

Formozo butiazeiro troca o aroma de teus fructos pelo ha-  
bito do meu amor; e eu te darei mais ainda do que me  
podes tu dar.

Levarei a minha noiva, um dia, á desceingar debaixo de tua  
côroa; fôr-a-hei deitar a cabeça sobre as tuas fibrosas rai-  
zes; e então a tua seiva subindo alegre para as tuas folhas  
hade nutrir-te melhor e tu te tornarás mais bello.

Seremos, um e outro, mais felizes!

Meu butiazeiro, tu me despertastes a ideia do sossego, e  
da alegria. Eu heide fazer-te o emblema da tranquilli-  
dade.

Emblema da tranquillidade, oh meu lindo butiazeiro, ama-  
me lá do campo onde estás, e pensa sempre em mim;  
porque agora eu te quero mais bem do que quando era  
pequeno, e mais pequeno que minha mãe.

### CHARADA.

A gala dos jardins tu es sem duvida  
Tu que exprimes amor, se amor não fillas  
Que o nosso olfacto com odor emballas  
O' cuidados de Flora—1

Na escalla dos pronomes ver-me-has  
O demonstrativo tu me encontrarás—2

Quem me deca lá viver  
Em humilde habitação;  
Perto do bon que idolatro  
A quem dei mee coração.

Explicação da Charada do n.º 9—Sazonado.